



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69
2017

ENCONTRO
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

O LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO E A FRENTE RIBEIRINHA

Rodrigo Banha da Silva¹, Cristina Nozes², Pedro Miranda³

¹ CML/ DMC/ DPC/ CAL / rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

² CML/ DMC/ DPC/ CAL / cristina.nozes@cm-lisboa.pt

³ CML/ UCT/ UITCH / pedro.miranda@cm-lisboa.pt

Resumo

A intervenção arqueológica urbana do Largo do Chafariz de Dentro (Alfama, Lisboa) foi despoletada pelo projecto da Simtejo de reconversão do antigo sistema de esgotos domésticos e pluviais do núcleo histórico da cidade de Lisboa.

Destacam-se os resultados registados para o período compreendido entre a Idade Média, com a instalação da muralha fernandina (1373-75), e final da Época Moderna, quer pela relevância e monumentalidade das evidências estruturais, quer pela dinâmica que imprimem à diacronia ocupacional do sítio.

Palavras-chave: Chafariz de Dentro, Chafariz dos Paus/Aguada, Cerca Fernandina, Alfama, Arqueologia Moderna.

Abstract

The urban archaeological intervention of the Largo do Chafariz de Dentro (Alfama, Lisbon) it was triggered by Simtejo project to reconvert the old domestic sewage and rainwater system from the ancient historical core of the city of Lisbon.

Highlight the results recorded from the Middle Ages, with the installation of the “wall fernandina” (1373-75), and the end of the Modern Era, either by the relevance and monumentality of the structural evidences as by the dynamic it prints to the diachrony occupational of the place.

Keywords: Chafariz de Dentro, Chafariz dos Paus/Aguada, Cerca Fernandina, Alfama, Modern Archaeology.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A área do actual Largo do Chafariz de Dentro é geologicamente constituída por depósitos de cobertura aluvionares e, tanto a norte como a sul, delimitada por falhas geológicas que dão origem a várias ocorrências hidrominerais. Foi justamente o aproveitamento destas nascentes que motivou, na Idade Média, a construção do Chafariz d'El-Rei (1220) e do Chafariz de Dentro (com referência textual datada de 1285 – Silva, 1987, p. 103), este último originalmente designado como *dos Cavalos* segundo as fontes, ou porque as sua bicas em bronze tinham a forma de cabeças de cavalo, ou porque era preferencialmente utilizado para dar de beber e lavar os animais (Holanda, 1984, p. 24). O nome *de Dentro* refere-se à sua relação com a muralha fernandina, mandada construir por D. Fernando (1373-75) na sequência do cerco de Lisboa encetado por Henrique II de Castela (1373), que o situou intramuros. Frente ao chafariz, a estrutura defensiva foi erigida flanqueada por duas torres e dotada de uma porta que ficou conhecida como *Porta do Chafariz dos Cavalos ou de Dentro*.



Figura 2 – Excerto da gravura de Leiden (segunda metade do século XVI), onde se observam dois cavalos a beber água no Chafariz de Dentro.

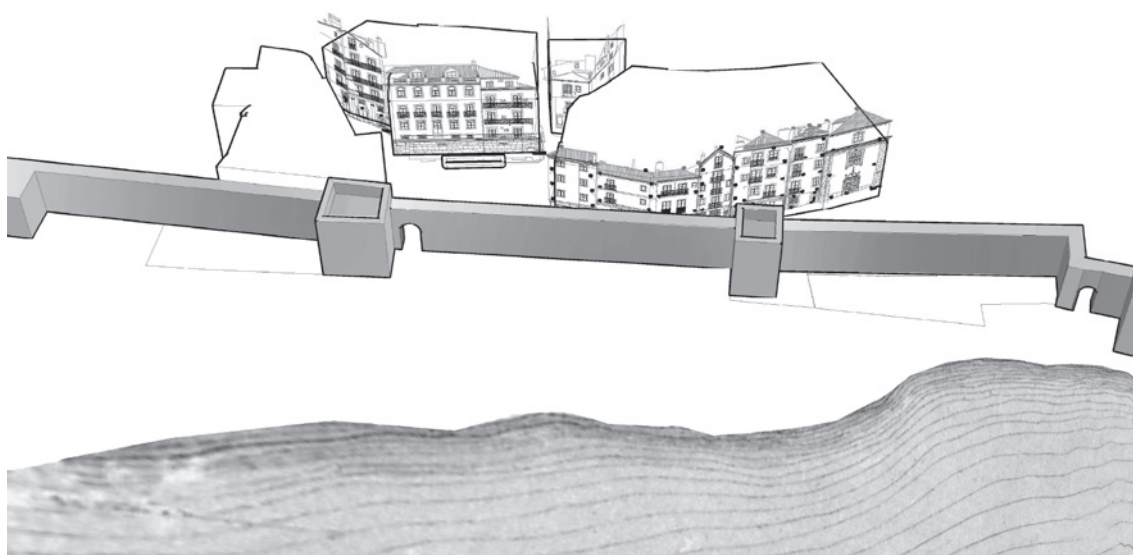


Figura 1 – Reconstituição da Cerca Fernandina e da linha do Tejo na malha urbana actual.

Já no reinado de D. João II (1481-1495), em plena época dos *Descobrimentos*, os chafarizes *d'El-Rei* e dos *Cavalos/Dentro* assumiram maior importância, sobretudo porque asseguravam a aguada às embarcações. Por essa razão e porque o enorme caudal, que era desperdiçado no rio, o permitia, foram objecto de obras de beneficiação que tiveram como objectivo o melhor aproveitamento do recurso e da sua distribuição.

Um século mais tarde, em 1595, Filipe I mandou examinar as principais fontes da cidade, trabalho executado pelo arquitecto Nicolau de Frias que, no que a este local concerne, informou: *"A fonte do chafariz dos cauallos nome adquirido por dous cauallos de Bronse que antigamente nelle estalão he de muito copiosa agoa de menos qualidade que a do chafariz del Rey, e comtudo bebem della, perdese muita quantidade sem nenhum proueito do pouo sendo a principal de que fazem todas as agoadas das armadas de V.Mde, deuese ordenar como na cidade a fonte principal que a maior parte da dita agoa ua ter a ella e saia em nove bicas, não tendo hoje mais de quatro, e o sobejo que cajr dellas ua a um tanque que estara fora no recanto da tore de baixo lugar muito escuso para lavarem cavalos que não he bem que os lauem omde bebem, e a outra parte jrá por baixo do cham sajr em quatro bicas no outro canto da tore acima para os agoadeiros e agoadas que conforme a traça se podem fazer com mais quietação e facilidade, porque não jmpede o lugar o curso ordinário da gente que passa por aquellas partes em grande quantidade, e os sobejos descaregarão noutro tanque para somente beberem cauallos, e com isto ficará a praça de dentro e a de fora com grandíssimo despejo, e levado o grande jmpedimento que causa ao seruiço da cidade os mastos attauessados por onde rolão as pipas das agoadas, e a multidão dos azemees que perpetuamente estão na tore onde oje sae a agoa com grande desordem ficando da outra parte em lugar remoto como tudo se mostra bem claro pela traça e conforme a ela, auendo V.Mde assi por seu seruiço deue mandar que se ponha por obra."* (Caetano, Soromenho, 1994, p. 75).

Este documento viabiliza informações preciosas

sobre um conjunto de transformações que poderão ter ocorrido aqui durante o período filipino, mas os desenhos que o acompanhavam desapareceram e as fontes cartográficas / iconográficas de que dispomos só testemunham a edificação do novo chafariz *"no outro canto da tore acima para os agoadeiros e agoadas"* e que passou a ser conhecido como *dos Paos* ou *da Aguada*.

Uma outra obra foi realizada no seguimento destes trabalhos mas na estrutura defensiva. Referimo-nos concretamente à abertura de um novo postigo que é descrito pelas fontes como a *"porta que se abriu às lavadeiras"* (Silva, 1987, p. 102), para facilitar o acesso ao *tanque das lavadeiras* que se localizava no Beco do Mexias. Há notícia de uma vistoria realizada pela Câmara Municipal de Lisboa, em 1625, com o objectivo de reforçar a defesa das muralhas da cidade; desta resultou um conjunto de propostas, entre as quais se encontra *"o postigo grande dos dous do chafariz dos Caualos se tapara, e o piqueno ficara aberto e lhe porão portas"* (Oliveira, 1887, Tomo III, p. 170).

Ainda no período filipino foram efectuadas obras de reabilitação no Chafariz de Dentro (1622) e construído um novo chafariz (1625) à custa do real do povo, que ficou conhecido como o *Chafariz da Praia*. A área assumiu-se como um dos pontos fundamentais do abastecimento de água da Lisboa seiscentista.



Figura 3 – Excerto da planta de João Nunes Tinoco (1650), ainda com os dois postigos e com os Chafarizes dos Paos – Aguada e da Praia.



Figura 4 – Pormenor do Largo do Chafariz de Dentro, na *Grande Vista de Lisboa* de 1699/1700, onde só se afigura um vão no pano de muralha.

O grande terramoto de 1755 veio, também, imprimir importantes transformações na zona. Os chafarizes ficaram danificados e as derivações do Chafariz de Dentro, que abasteciam os outros dois, obstruídas com o entulho resultante dos estragos provocados pela catástrofe (Oliveira, 1908, Tomo XVI, pp. 199-201). É bem provável que o troço local de muralha tenha sido igualmente afectado porque foi parcialmente demolido em 1765, para *aformoseamento e boa serventia do local* (tendo sido a pedra reaproveitada na construção do novo edifício do *Terreiro do Trigo*) e, logo de seguida, em 1768, é solicitada, por decreto, a demolição do remanescente, incluindo o Chafariz *dos Paos* ou *da Agua-da* que se encontrava adossado. Pretendia-se com esta intervenção o alargamento do lado meridional da Rua dos Remédios, desde o Largo do Chafariz

de Dentro até à Rua Direita das Portas da Cruz, com o objectivo de facilitar o acesso à *Baixa* dos habitantes de São Vicente, obra que só foi concretizada em 1773 e por outra razão que se impôs, designadamente a de permitir a passagem do coche do Patriarca a São Vicente de Fora¹. Da muralha terá restado a torre poente fossilizada no edifício da Rua do Terreiro do Trigo, nº 2-4, que preserva a escadaria de acesso ao adarve.

Já no século XIX, entre 1868-69, outra grande obra que pretendeu solucionar a falta de água em Lisboa, a construção de um reservatório com sistema elevatório para captar o manancial de Alfama,

¹ Informação manuscrita de Irivalva Moita (Museu da Cidade), baseada em manuscrito anónimo não identificado pela olisipógrafa.

retirou funções ao Chafariz da Praia que acabou por ser demolido já no século XX. O Chafariz de Dentro manteve-se em funcionamento até que a Companhia das Águas de Lisboa decidiu pelo encerramento das suas bicas na década de 60 dessa centúria. A referida Estação Elevatória, que a partir de 1880 transformou-se num mero ponto de apoio da nova estação dos Barbadinhos, acabou por ser alvo de um projecto de reabilitação e de reconversão em 1998, que criou o Museu do Fado e promoveu os presentes arranjos paisagísticos. Esta iniciativa foi enquadrada por outra maior promovida pela Câmara Municipal de Lisboa – o Projecto Integrado do Largo do Chafariz de Dentro – que teve como objectivo a requalificação desta zona de Alfama.

2. AS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DA IDADE MÉDIA À ÉPOCA MODERNA

A intervenção arqueológica urbana (adiante IAU) foi despoletada pelo projecto da Simtejo de reconversão do sistema de esgotos domésticos e pluviais do núcleo histórico da cidade de Lisboa.

Como tantas vezes ocorre, todo o projecto foi concebido sem prévia avaliação do impacte patrimonial arqueológico e sem previsão das acções correspondentes.

Dois factores explicarão este facto: por um lado, porque numa lógica de agilização de processos, a encomenda do projecto foi feita pelo consórcio intermunicipal a um *atelier* privado onde a Arqueologia estava ausente, julgamos que não tanto por desconhecimento mas provavelmente porque a participação de mais um especialista acarretaria custos e diminuiria, deste modo, a competitividade da empresa; por outro, porque a Arqueologia continua a ser encarada, na generalidade, como parceiro e participante mas tão-somente quando as linhas gerais da obra estão já traçadas, dado que esta só pode ser licenciada e os meios convocados (alguns dos quais imprescindíveis à IAU) mediante projecto apreciado pela tutela do património e pelas Câmaras Municipais, facto que constitui um vício de forma evidente.

Ambas as circunstâncias se verificaram no Largo do Chafariz de Dentro. Efectivamente, a não consideração da componente patrimonial, em especial a presença no local de um troço de um monumento nacional (a «Cerca Fernandina de Lisboa»), aliás já antes assinalada no pavimento do Largo pelo projecto de arquitectura paisagística da autoria do Arq.º Santa Rita, implementado em 1997, levou a uma manifesta conflitualidade entre o desenho dos trajectos dos novos colectores e as pré-existências que se procurou ultrapassar através do aprofundamento do conhecimento arqueológico do sítio, conseguido com a boa articulação entre os arqueólogos (signatários) da equipa municipal e os colegas do extinto IPA, Ana Martins e José Correia, que aqui é justo destacar.

Pelas razões expostas, os trabalhos em muito excederam os prazos previstos para a obra, tendo-se desenvolvido a IAU ao longo de um ano (2007-08), parte importante do qual na tentativa de encontrar a solução menos impactante para o património em causa. Na mesma medida, a área da IAU acabou por abranger uma amplitude bem maior do que a inicialmente prevista, alcançando uma leitura bem mais rica e complexa.

Do ponto de vista metodológico, as áreas afectadas foram designadas como “Sondagens”, no caso das zonas escavadas arqueologicamente, ou como “troços”, quando a acção se referiu a trabalhos de acompanhamento arqueológico, apresentando o conjunto das unidades de escavação dimensões muito variáveis em função quer do espaço adstrito ao projecto, quer da execução do mesmo que, conforme já foi referido, decorreu em simultâneo com os trabalhos de arqueologia. A mesma flexibilidade teve de ser aplicada aos princípios metodológicos de escavação que observaram, preferencialmente, os pressupostos preconizados por P. Harris e Barker, mas estiveram sujeitos às mesmas condicionantes, bem como à natureza dos contextos identificados e às características freáticas da zona.

Destacam-se os resultados registados para o período compreendido entre a Idade Média, com a instalação da muralha fernandina (1373-75), e final

da Época Moderna, quer pela relevância e monumentalidade das evidências estruturais, quer pela dinâmica que imprimem à diacronia ocupacional do sítio.

No que concerne à estrutura defensiva, exumou-se cerca de 20 metros lineares do alicerce que ainda preservava vestígios pontuais do lance de

paramento em pedra aparelhada. Os trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos permitiram registar os diferentes momentos construtivos e os contextos estruturais a eles associados, desde a vala de fundação, aos restos da estrutura de cofragem para execução do alicerce e do andaime para edificação da superestrutura.

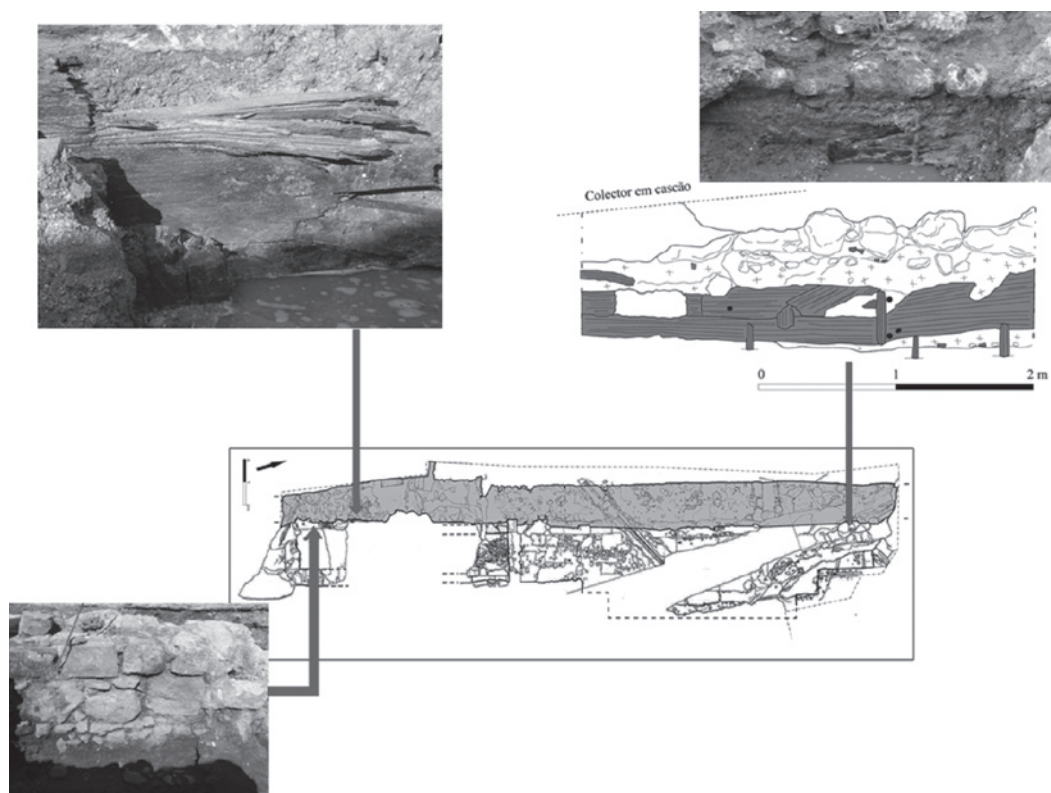


Figura 5 – Plano do troço exumado da Muralha Fernandina (1373-1375) a sombreado; pormenores da estrutura de cofragem e do lance de paramento em pedra aparelhada.

A muralha articulava-se com dois “ambientes” estratigráficos distintos, um junto ao paramento interno, outro que lhe era externo. O primeiro individualizava-se por realidades que apresentavam grande heterogeneidade de características geoarqueológicas e que registavam níveis em articulação com o início da superestrutura possivelmente datados do século XV, sobrepostos a outros que correspondiam aos momentos urbanos anteriores à edificação da cerca e que apresentavam uma pendente NE-SO, correspondente à colmatação da antiga bacia de encaixe do principal talvegue da zona de Alfama, a

Regueira. O segundo caracteriza-se por deposições de carácter lodo-arenoso, muito ricas em material cerâmico moderno, que descreviam uma pendente até à antiga margem do rio que atingia a cota negativa de 3,50m relativos no extremo Sul, correspondente a uma potência próxima dos 2,00m.

Sobre este último conjunto de unidades estratigráficas, encostado ao paramento externo da primitiva cerca, foi registado um conjunto estrutural que identificámos como as fundações do “Chafariz dos Paos” e que terá sido edificado entre finais do século XVI ou primeiros anos da centúria seguinte, cro-

nologia fundamentada na dinâmica estratigráfica e no actual estado de conhecimento dos artefactos associados, em especial os fabricos presentes de porcelana do reinado *Wanli*, dos exemplares de “*San Domingo Blue and White*”, do conjunto vítreo recuperado, dos escassos numismas e da notada ausência de “*faiança portuguesa*”, pese embora o risco deste tipo de argumento *in absentia*.

A instalação da referida estrutura hidráulica parece, pois, ter sido precedida de uma campanha de terraplanagem gerada num período de tempo curto, intervenção urbanística que terá sido realizada com recurso aos entulhos urbanos acumulados na zona exterior da muralha e que é testemunhada pela já referida sucessão de unidades estratigráficas que revelavam grande exuberância artefactual e que se caracterizavam pela alternância de intercalações de matriz maioritariamente arenosa, mal calibrada, com outras ricas em matéria orgânica.

O embasamento evidenciava um perfil reentran-

te e era constituído por blocos informes de pedra calcária e calco-arenito fixados por uma argamassa de coloração esbranquiçada, rica em cal; conservava, nas extremidades laterais, zonas aplanadas com rebarbas de argamassa que testemunhavam o assentamento dos elementos pétreos que constituíam a superestrutura. Este alicerce assentava e preenchia uma estrutura construída em madeira de pinho verde, que formava uma espécie de malha composta pelos toros dispostos paralelamente e sobrepostos por outros que os travavam na perpendicular com recurso a cavilhas de ferro. Em articulação foi registado um nível de pavimentação da envolvente, designadamente do espaço conquistado à frente ribeirinha, constituído por seixo miúdo, fragmentos cerâmicos e grande quantidade de elementos metálicos, designadamente, alfinetes de toucado e/ou de indumentária (?), envolvidos numa argamassa rica em cal e matéria ferrosa que lhe atribuíam uma consistência muito compacta e impermeável.

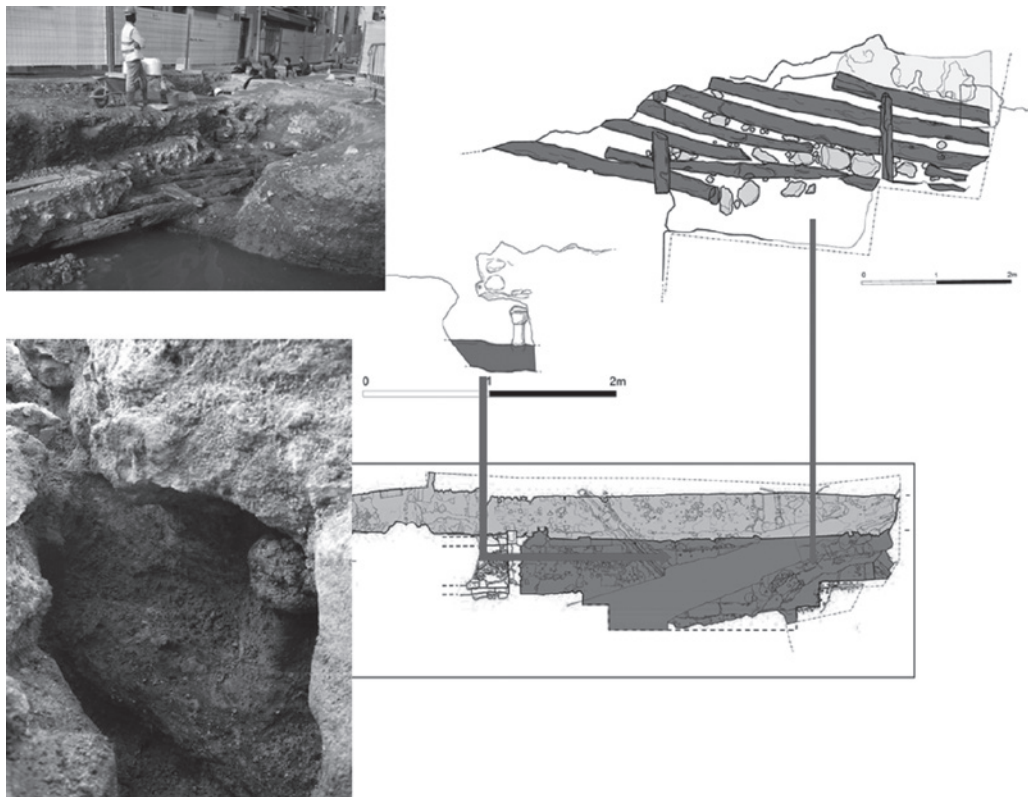


Figura 6 – Plano do alicerce do *Chafariz dos Paos* a sombreado mais escuro; pormenores da infraestrutura em madeira onde este assentava.

A construção do *Chafariz dos Paos* desativou uma estrutura de caneiro, executada em cantaria sobre os níveis registados intramuros em articulação com o arranque da superestrutura e que correspondem a formações posteriores à muralha trecentista, com os poucos elementos artefactuais recolhidos a sugerirem uma cronologia situada em torno dos séculos XV-XVI, designadamente, bordos de bilha moldurados e fundos de copo biansado correspondentes a tipos já conhecidos para Lisboa². Julgamos estar relacionado com as obras de beneficiação mandadas executar por D. João II que visavam, para além de outros melhoramentos, o aproveitamento/encanamento do manancial e a criação de novos pontos de abastecimento na praia.

Da mesma forma, os aterros processados fora da zona murada desactivaram uma estrutura de configuração rectangular construída contra a face exterior da muralha, no limite Sudoeste do troço exumado correspondente ao da área de intervenção permitida pela obra. Em alvenaria de pedra irregular, com uma largura mínima de 1,30m e uma profundidade confirmada de 1,70m, verificou-se ter sido edificada em momentos distintos, sequência representada pela distinta natureza das argamassas dos três muros, correspondendo o mais ocidental ao mais recente que só foi reconhecido no seu paramento interior. O carácter freático do local e a cota de obra imposta não permitiram a sua escavação integral mas é provável que já tenha sido construída

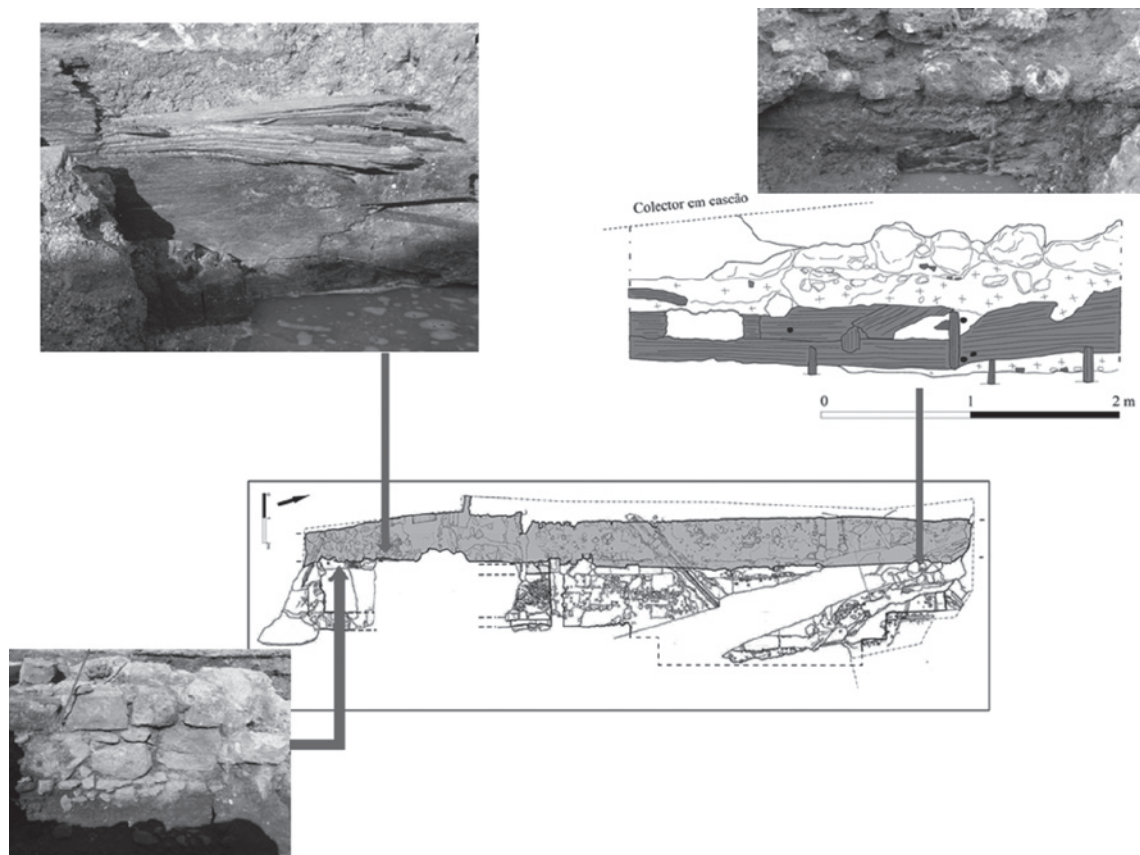


Figura 7 – Levantamento de pormenor dos restos estruturais do que julgamos ser a *Levada* construída no reinado de D. João II.

² De que se pode citar, como exemplo, os publicados por Alexandra Gaspar e Clementino Amaro (1997), oriundos da Travessa das Olarias (Mouraria), Lisboa.

no século XVI. Para este contexto em particular não foi encontrado qualquer registo documental que auxiliasse à sua interpretação e ainda que as suas características físicas pareçam sugerir uma estrutura de cubelo, a sua localização naquele troço em concreto, ladeado por duas torres próximas, levanta muitas dúvidas sobretudo porque a porta primitiva aparece representada na cartografia / iconografia antiga contígua à torre Sudoeste e a abertura do segundo postigo já é feita após a sua desactivação.

Por último, mas não menos importante, na extremidade ocidental do embasamento do *Chafariz dos Paos*, exatamente no local onde os limites das freguesias de São Miguel e Santo Estevão convergiram até à muito recente reforma administrativa das freguesias lisboetas de 2013, foi identificado um vão originalmente formado por uma estrutura de portal, testemunhado por uma das valas do respectivo umbral que se encontrava entulhada com parte dos restos resultantes da demolição e que incluíam

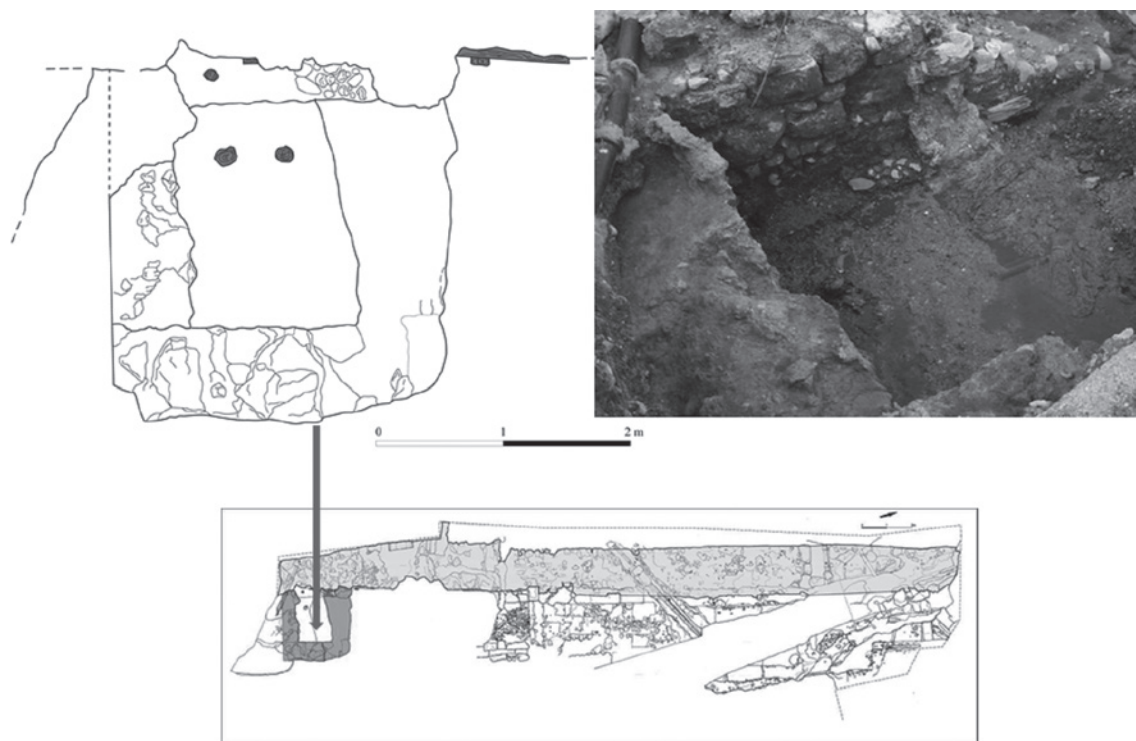


Figura 8 – Levantamento de pormenor da estrutura de configuração retangular adossada à face exterior da muralha.

elementos informes de calcário branco de média dimensão. A estrutura estava delimitada por duas áreas de soleira em degrau, apresentando a localizada a Sul um “entalhe” de encaixe e era pavimentada a seixo miúdo batido com restos cerâmicos. Tudo indica tratar-se do “postigo que se abriu às lavadeiras” e as evidências arqueológicas parecem confirmar a colocação da porta recomendada pela Câmara Municipal de Lisboa, na sequência da vistoria realizada às muralhas da cidade em 1625.

Os trabalhos de escavação arqueológica permitiram ainda individualizar duas campanhas de requalificação do espaço envolvente ao *Chafariz dos Paos*, ocorridas no período compreendido entre o final do século XVII e a primeira metade do século XVIII. São testemunhadas por dois níveis sucessivos de pavimentação a empedrado de seixo, sendo que a primeira abrangeu a zona do postigo que foi revestida a seixo de menor dimensão e incluiu a construção de um maciço em alvenaria de pedra irregular

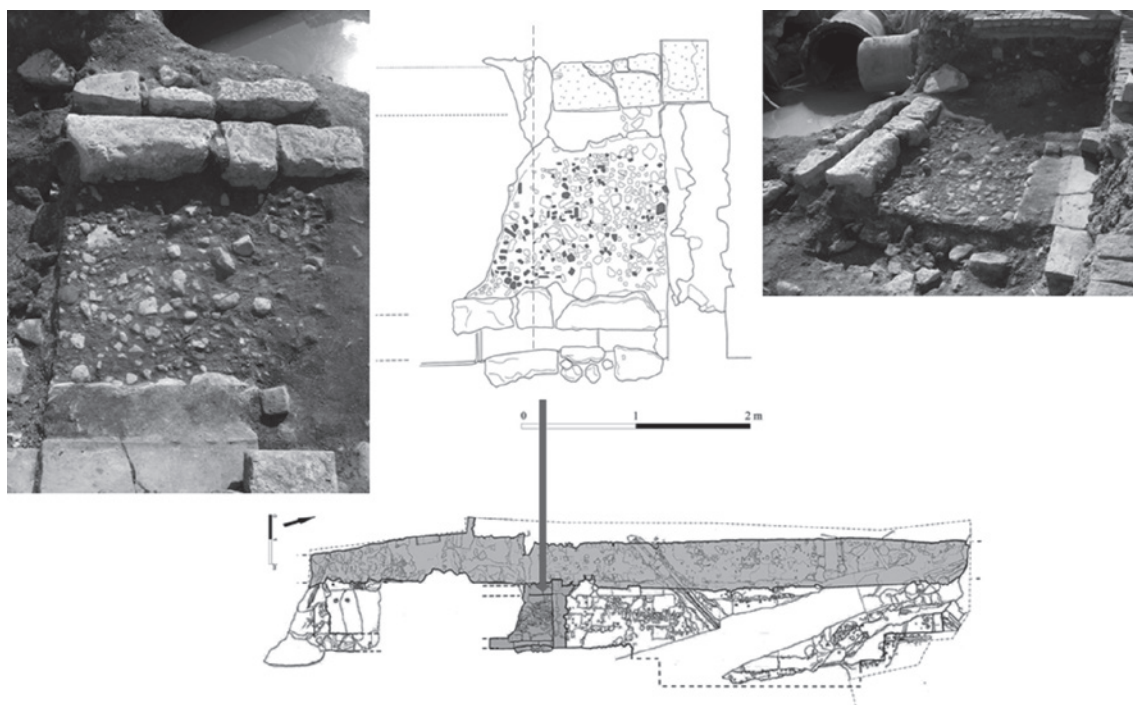


Figura 9 – Levantamento de pormenor do designado “Postigo das Lavadeiras”.

com ligante a argamassa de coloração alaranjada, parcialmente posto a descoberto e de funcionalidade desconhecida, que se desenvolvia a partir da face exterior do muro ocidental da já referida estrutura de configuração rectangular adossada à face exterior muralha.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica do Largo do Chafariz de Dentro parece ser suficientemente ilustrativa do que é, ainda hoje, a prática arqueológica urbana na cidade de Lisboa: desenvolveu-se enquadrada por uma operação urbanística que, à semelhança de tantas outras, não considerou a componente patrimonial, em especial a presença no local de um troço de um monumento nacional (a «Cerca Fernandina de Lisboa»).

Esta situação, que constitui um vício de forma evidente, levou a uma manifesta conflitualidade entre a implementação do projeto no terreno e as pré-existências, que se procurou ultrapassar através

do aprofundamento do conhecimento arqueológico do sítio com o objetivo de encontrar a solução menos impactante para o património em causa que, ainda assim, foi afetado na sua integridade física.

Todavia e encarada numa perspetiva positiva, permitiu abranger uma amplitude bem maior do que a inicialmente prevista e alcançar uma leitura bem mais rica e complexa que se exemplifica com os resultados agora divulgados.

Importa realçar que tendo sido uma questão superada não é, de modo algum, a situação desejável. O ideal seria que a Arqueologia fosse parte considerada na fase que precede o desenvolvimento das operações urbanísticas, designadamente a fase de projecto, e que tornasse possível uma cabal avaliação do impacto patrimonial e uma eficaz aplicação das medidas de salvaguarda dos valores arqueológicos.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, J. S V. (1851) – *Memória sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços públicos de Lisboa, Belém, e muitos logares do termo*. Lisboa: Imprensa Silvíana, pp. 112-115.

BRANDÃO, J. (1990) – *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1522*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 103-105.

CAETANO, J. de O.; SOROMENHO, M. (1994) – *Projectos hidráulicos na Lisboa Filipina*. Lisboa: Boletim Olisipo, II Série, nº1, pp. 65-70.

CALADO, M.; FERREIRA, V. (1992) – *Lisboa – freguesia de Santo Estevão (Alfama)*. Lisboa: Contexto Editora, pp. 27-40.

CASTELO-BRANCO, F. (1990) – *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 97-104.

CASTILHO, J. (1948) – *A Ribeira de Lisboa*. Volume 1, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 210-217.

GASPAR, A.; AMARO, C. (1997) – *Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. La Céramique Médiévale en Méditerranée. Actes du VIème Congrès de l’AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, pp. 337-339.

GOIS, D. (1988) – *Descrição da cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 49.

HOLANDA, F. (1984) – *Da fabrica que falece à cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 24.

LOPES, F. (1986) – *Crónica do Senhor Rei Dom Fernando nono Rei destes regnos*. Porto: Livraria Civilização, pp. 201-204.

OLIVEIRA, E. F. (1887) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Tomo III. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 170.

OLIVEIRA, E. F. (1908) – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. Tomo XVI. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 199-201.

MOITA, I. (1990) – *O Aqueduto das Águas Livres e Abastecimento de Água a Lisboa*. In *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 9-66.

SILVA, R.B. (2008) – *O Contexto [913] da I.A.U. do Largo do Chafariz de Dentro: um contributo para o conhecimento da actividade oleira na área de Alfama (Lisboa) durante o período islâmico*. *Seminário de Arqueologia Medieval*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SILVA, V. (1987) – *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Volume II, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-110.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863–2019

www.arqueologos.pt